

# A caminho das estrelas

Sobre o pó do caminho terá Cristina Ataíde aprendido o valor das pequenas coisas e o desejo de olhar para longe. A pouco e pouco, observando os vagares do mundo, tem ela construído o seu percurso pessoal e artístico que agora conflui nestas três salas da Galeria Alda Galsterer, e nos propõe um olhar e sentir para além de nós.

Entre o desenho e a escultura, esta exposição mima um percurso que sobe da terra para o firmamento, convidando a ver o chão que pisamos e o céu sobre as nossas cabeças, inserindo-nos num cenário maior. Com o sugestivo título *Underallofthis*, os trabalhos recentes da artista relembram a nossa posição no universo. Grãos de pó de olhos deslumbrados, devemos atentar no caminho, crescer com ele, integrá-lo com naturalidade e bonomia, compreendendo a pertença e relativizando tudo o mais — incluindo o fim.

Lembrando-o, a exposição começa com desenhos em tons cálidos de vários vermelhos, saturados de pigmentos e magnéticos como corpos sólidos, que a cor enforma fazendo-os escapar da bidimensionalidade. A presença destes desenhos liga-nos à obra anterior da autora, com os seus trabalhos de captação de texturas terrenas, com a matéria do mundo que pisamos. A cor é densa e vibra sobre o papel, avançando no espaço como um corpo próprio, um corpo de cor e sensações, em tudo igual ao nosso, em tudo sumarizando o nosso. Porém, no mesmo instante em que recorda a terra, a obra evolui já para o elemento seguinte. Mais do que o ar, porém, é o firmamento que nos espera, como um futuro em que tudo se dilui.

E, na sala seguinte, Cristina Ataíde retoma o desenho de corpo cromático em mais variantes de vermelhos que põem ao rubro mapas de estrelas. Aqui acaba-se o chão e a tentação é o voo do olhar, o necessário mapear de caminhos que apenas conhecemos à distância

de anos-luz, à distância da memória das estrelas. E assim encontramos a resposta às nossas preces: sobre o traçado cartográfico estelar, que regista as declinações das estrelas, ou seja, o seu movimento pelo universo, o paralelo que, do nosso pequeno território errante, registamos da sua dança, Cristina Ataíde desenhou outros mapas. São mapas pessoais, à escala do humano, à escala do nosso olhar, sobrepondo-se às estrelas, seguindo-as, obedecendo-lhes.

Essa coabitação de traçados estelares com registos pessoais recoloca-nos no universo. Não no centro, de onde há muito escapámos, mas num lugar errante e errático, geométrica e gravitacionalmente rigoroso, que nos liberta e engrandece no mesmo acto que nos descarta.

Necessitando sempre de um posto para observar, a escultura faz a sua aparição como posto de análise. Como um observatório primordial, canal de relação com o universo, esta peça escultórica de grandes dimensões, que partilha com os mapas o espaço da segunda sala, convida a entrar fisicamente nela para, erguendo os olhos, observar o céu. Compreensivelmente, estando no interior, como numa nave, mas sem céu à vista, o convite interpela a imaginação e a escultura — como a luz que tudo modula — reitera por isso o convite no plano plástico.

A observação proposta não apela, contudo, apenas à vista, como já referi, mas também ao corpo, ao sentido de equilíbrio, a um modo de participação. Círculos côncavos e convexos de mármore pontuam o chão da sala. Podemos pisá-los, se ousarmos, como plataformas a partir das quais relacionamos o nosso corpo com o espaço envolvente. Sentir o chão para melhor olhar o céu? Cristina Ataíde lembra-nos que chão e céu são simplesmente duas faces do mesmo universo. A luz é, por isso, também, um elemento fulcral nesta exposi-

ção. Centrada no desenho, capturando em contra-luz a peça de escultura, ela dirige o nosso olhar, sugere caminhos, aponta o tempo. Na terceira sala, um único objecto espera o visitante. Suspenso do tecto, um tubo de mármore sugere outro instrumento óptico apontado ao infinito. Espreitando para o seu interior, a sua estrutura reafirma o que as pedras nunca nos deixam esquecer: que os seus corpos guardam em si a memória das constelações.

Não deixa de ser curioso que este caminho para as estrelas nos seja proposto por Cristina Ataíde dentro de uma casa. Ora a casa, sabemos-lo, é o umbigo das nossas vidas. Eixo de todos os sentidos, ela é simultaneamente o local de onde partimos para nos perdermos e assim nos encontrarmos. É também metáfora para o nosso último lugar. Dela, observamos a nossa vida e as dos que nos rodeiam. O mundo e que o está para além. O céu diurno e nocturno. O voo dos pássaros, o quieto murmurar das árvores. E os mapas das estrelas, coreografia da sua infinita dança.

Ora, sabemos que olhar para as estrelas é olhar para o passado. Sabemo-lo porque estamos cientes de que a velocidade da luz guarda uma vertigem particular. Chegam até nós ecos de estrelas que há muito terão já entregue o seu fulgor ao firmamento, transformadas em buracos negros, em eventuais túneis de tempo, em pó — como nós. A casa é, por isso, o melhor lugar para observar tudo isso e repensar o nosso lugar. O lugar para melhor nos cosermos ao sentido do todo. Com fascínio e responsabilidade. No corpo e na alma. E no que nos rodeia. Porque somos únicos e estamos Underallofthis.

*Emília Ferreira*  
*Almada, 9 de Outubro de 2016.*